

ESPIRITUALIDADE NA ARTE E NA ALTA IDADE MÉDIA

Leonardo dos Santos Silveira¹
Vitor Emanuel Correa de Mesquita²
Thaís Alves Soares³

RESUMO: A Alta Idade Média, compreendida entre os séculos V e X, testemunhou uma profunda interconexão entre espiritualidade, arte e cultura em meio as invasões dos povos germânicos. A fé cristã, central na espiritualidade medieval, foi moldada pela influência dominante da Igreja Católica. Esta não apenas guiava espiritualmente, mas também influenciava crenças, práticas religiosas e estruturas sociais. A expressão artística desse período era predominantemente religiosa, refletindo e comunicando a espiritualidade vigente. A arte sacra, presente em pinturas e esculturas em igrejas e mosteiros, buscava ilustrar narrativas bíblicas e transmitir ensinamentos religiosos. Destacam-se exemplares notáveis como as iluminuras do *Livro de Kells*, representando a arte monástica que combinava beleza estética com conteúdo espiritual. A conexão entre espiritualidade e arte era inseparável na Idade Média. Deste modo, buscaremos neste artigo evidenciar como em meio a um contexto de invasões e conflitos internos, a espiritualidade e a arte influenciaram a sociedade da medieval.

Palavras-chave: Idade Média; Espiritualidade; Arte cristã; História do cristianismo.

ABSTRACT: The Early Middle Ages, spanning from the 5th to the 10th centuries, witnessed a profound interconnection between spirituality, art, and culture amid the invasions of Germanic peoples. Christian faith, central to medieval spirituality, was shaped by the dominant influence of the Catholic Church. The Church not only provided spiritual guidance but also influenced beliefs, religious practices, and social structures. The artistic expression of

¹ Doutor e Mestre em Teologia Bíblica pela PUC-Rio. Doutorando em Letras Clássicas pela URFJ. Bacharel em Teologia pela FAECAD; Bacharel em Letras-Grego pela UFF e Licenciado em História pela UNESA. Professor da Faculdade Batista do Rio de Janeiro (FABAT). Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/0189603895335569>>. E-mail: leonardo@seminariodosul.com.br.

² Mestrando em Ciências das religiões pela UMEP. Pós-graduando em História do Cristianismo pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. Licenciado em Formação pedagógica em Letras – Língua Portuguesa pela UNINTER. Formado em Teologia pela UNESA. E-mail: vitoor.279@gmail.com. URL para currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7575261836230858>.

³ Graduanda em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ; Graduanda em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro – FABAT.

this period was predominantly religious, reflecting and communicating the prevailing spirituality. Sacred art, found in paintings and sculptures in churches and monasteries, sought to illustrate biblical narratives and convey religious teachings. Notable examples include the illuminations of the *Book of Kells*, representing monastic art that combined aesthetic beauty with spiritual content. The connection between spirituality and art was inseparable in the Middle Ages. Therefore, in this article, we will seek to highlight how, amid a time of invasions and internal conflicts, spirituality and art influenced medieval society.

Keywords: Middle Ages; Spirituality; Christian Art; History of Christianity.

INTRODUÇÃO

Antes de nos concentrarmos na temática deste artigo, é crucial compreender a conotação historicamente atribuída à expressão “Idade das Trevas”. O termo “Idade Média” frequentemente carrega consigo uma conotação pejorativa, sendo visto como um espaço temporal intermediário entre a gloriosa Antiguidade greco-romana e a esclarecida Modernidade. Consolidado no século XV por autores humanistas, esse conceito foi posteriormente marcado pelos iluministas do século XVIII como a “Idade das Trevas”, uma época em que supostamente a luz do conhecimento científico se encontrava eclipsada pela obscuridade. Esse estigma persiste em muitas representações populares, obscurecendo a riqueza cultural, intelectual e a espiritualidade desse período. Segundo Raymund Kottje⁴:

A designação do período de cerca de mil anos da história da Europa após o fim Antiguidade romana como “Idade Média” (*media*, *aetas*, *medium tempus* ou *medium aevum*) ocorre pela primeira vez, esparsa e imprecisamente, nos humanistas do século XV. Eles viam esse período cronológico como “intermediário” entre a Antiguidade por eles exaltada como ideal e o presente, em que pretendiam um novo nascimento (renascença) da Antiguidade, da educação, da língua, da ciência e da arte antigas. O “tempo intermediário” era por eles menosprezado, caracterizado, entre outras coisas, pelo barbarismo na linguagem e na educação, pelo estilo “gótico” (o barbarismo) na arte. Portanto, não foram interesses históricos, mas critérios estético-filosóficos que levaram à designação “era intermediária” ou “Idade Média” por parte dos humanistas.⁵

⁴ KAUFMANN, T; et all (Org.). **História Ecumênica da Igreja**. Da Alta Idade Média até o início da Idade Moderna. São Paulo: Paulus; São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Loyola, 2012.

⁵ KAUFMANN, T; et all (Org.). *op. cit.* p. 181.

Néri de Barros Almeida⁶ analisa os itinerários que conectam o poder público e a centralização política, oferecendo uma perspectiva crítica e aprofundada sobre a dinâmica política desse período. Logo na introdução de seu artigo, realiza uma análise do livro *Histoire et Culture Historique dans l'Occident Médiéval* de Bernard Guenée, segundo o autor analisado, o nascimento da ideia da Idade Média se dá a partir do desprezo, indicando a existência de preconceitos e ideias preconcebidas sobre esse período histórico. Guenée questiona se os autores medievais, especialmente aqueles envolvidos na escrita de “histórias”, poderiam ser considerados verdadeiros historiadores⁷. Almeida destaca que essa questão pode parecer elementar, mas é pertinente, pois, caso a resposta seja afirmativa, isso poderia alterar a perspectiva sobre o alcance da capacidade investigativa da Idade Média. O desprezo pela Idade Média, segundo Guenée, está vinculado à satisfação diante de fórmulas simplificadoras, como a expressão “Idade das Trevas”, como abordamos anteriormente.

Essas fórmulas simplificadoras, apesar de serem convenientes para uma compreensão rápida, tendem a encerrar o conhecimento desse período, isolando-o, cronologicamente, das zonas de saber vizinhas. No entanto, ao explorarmos mais profundamente esse conceito, torna-se evidente a necessidade de desafiar estereótipos e reconsiderar o papel da Idade Média na formação do panorama histórico e cultural ocidental. As catedrais góticas, os manuscritos iluminados e as esculturas medievais não são apenas manifestações artísticas, mas testemunhos da espiritualidade presente na sociedade, da erudição e habilidade intelectual da época. Estudar esse período observando atentamente a espiritualidade e a arte, revela uma sociedade vibrante e criativa, desafiando a noção de uma era de trevas.

Ressignificar a Idade Média vai além de um exercício acadêmico; é uma necessidade para compreendermos de forma mais completa e justa a trajetória da humanidade. Em invés de perpetuar a ideia de uma Idade das Trevas, devemos abrir espaço para uma visão mais equilibrada e apreciativa, reconhecendo o papel fundamental desse período na construção do legado cultural e intelectual que define a nossa própria história.

⁶ ALMEIDA, N. B. **A Idade Média entre o “poder público” e a “centralização política” itinerários de uma construção historiográfica.** *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 26, n. 43, p.49-70, jan/jun 2010

⁷ GUENÉE *apud* ALMEIDA. p. 50

1. ANTECEDENTES HISTÓRICOS QUE CONDUZIRAM À IDADE MÉDIA: UMA ANÁLISE DOS EVENTOS PRECURSORES

O período dos séculos IV e V d.C. é notoriamente reconhecido como o palco da queda do Império Romano no Ocidente, marcado por uma sucessão de invasões protagonizadas pelos povos considerados germânicos. Embora o século V seja tratado como o início da Idade Média com a queda de Roma pelas ondas de ataques dos povos “bárbaros”, percebemos que as invasões dos povos germanos se remetem a uma época bem antes e a sua presença entre os cristãos católicos já não eram novidade como afirma Jacques Le Goff em sua obra *a Civilização do Ocidente Medieval*:

As invasões germânicas do século 5º não eram uma novidade para o mundo romano. Sem remontar aos Cimbrios e aos Teutônicos vencidos por Mário no começo do século 2º a.c., convém lembrar que desde o governo de Marco Aurélio (161-180) a ameaça germânica pesava permanentemente sobre o Império, as invasões bárbaras constituíram um dos elementos essenciais da crise do século 3º, os imperadores gauleses e ilírios do fim daquele século afastaram o perigo por um tempo. Mas para ficar apenas na parte ocidental do império – o grande reide dos Alamanos, Francos e outros povos germânicos que em 276 devastou a Gália, a Espanha e a Itália do norte prefigurou a grande incursão do século 5º⁸.

De acordo com Dale T. Irvin e Scott W. Sunquist (2004) em seu livro sobre *a História do Movimento Cristão Mundial*, a defesa da importância do bispo de Roma tornou-se proeminente entre os adeptos do catolicismo no ocidente, enquanto enfraquecia entre os católicos do Oriente. Tanto os bispos quanto os imperadores nas igrejas de língua grega reconheciam a posição significativa ocupada pelo bispo de Roma na compreensão cristã. No entanto, o verdadeiro domínio de Roma começou a declinar após a decisão de Constantino de transferir sua capital para o Oriente. As repercussões sociais dessa mudança foram significativas, pois:

Economicamente acelerou o declínio de Roma como o mais significativo centro comercial da região mediterrânea, senão de todo o império. Criou-se também um vácuo de poder político, justamente no tempo em que migrações crescentes de tribos das fronteiras do império começavam a perturbar a situação no Ocidente. A capital ocidental foi transferida para Milão, ao sopé dos Alpes, para estar mais próxima à fronteira norte, que estava agora em estado constante de atividade militar. No início do

⁸ LE GOFF, J. *op. cit.* p. 21

século V a capital ocidental foi de novo transferida, dessa vez para Ravena, na costa do Adriático. Acreditava-se que ela, rodeada de pântanos, ofereceria maior proteção contra os invasores que a esta altura eram uma presença constante na vida política ocidental. Por volta do ano 400 os imperadores raramente visitavam a antiga cidade que dera ao império seu glorioso nome.⁹

Conforme afirmam Irvin e Sunquist, outros passaram a visitá-la com frequência crescente. Por volta de 390, uma coalizão dos visigodos (godos ocidentais), liderados pelo general Alarico, empreendeu campanhas militares nas regiões orientais dos Bálcãs e na Grécia. Por abraçarem a fé ariana, muitos visigodos que haviam anteriormente servido como soldados sob comando romano, agora buscavam terras para se estabelecer. Em 401, invadiram o norte da Itália, acompanhados de suas famílias e pertences. Muitas dessas incursões desses grupos, caracterizados por não utilizarem o latim e não compartilharem da cultura greco-romana, desencadearam eventos significativos que resultaram na desintegração do poder romano na região¹⁰. Em 410, um marco crucial foi alcançado quando os godos, um dos povos bárbaros, invadiram e saquearam a cidade de Roma. Esse evento abalou as estruturas do Império Romano e destacou a vulnerabilidade de uma das cidades mais emblemáticas do mundo antigo diante das incursões dos povos invasores.

Conforme argumenta Christopher Dawson, em sua obra *A Formação da Cristandade: Das Origens na Tradição Judaico-Cristã à Ascensão e Queda da Unidade Medieval*, no século IV, a situação no Ocidente apresentava uma instabilidade mais pronunciada em comparação com o Oriente. O Império Ocidental estava mais suscetível às incursões bárbaras, devido à extensão de suas fronteiras e à natureza guerreira dos povos bárbaros localizados na margem oposta dos rios Reno e Danúbio. Além da ameaça externa, enfrentava instabilidade interna decorrente da indisciplina nas legiões ocidentais e da tendência de alguns comandantes em se autoproclamarem imperadores rivais, especialmente na Grã-Bretanha. Como destaca Dawson, esse cenário resultou em uma sucessão de aspirantes ao trono. Os exércitos romanos, em grande medida, eram compostos por recrutas de origem bárbara, e, por volta do século IV, as posições mais elevadas no Império tornaram-se acessíveis a esses indivíduos.¹¹

⁹ IRVIN, D.; SUNQUIST, S. *op. cit.* p. 279

¹⁰ IRVIN, D.; SUNQUIST, S. *op. cit.*

¹¹ DAWSON, C *op. cit.*

Dessa forma, ao longo do século IV, a população nas províncias ocidentais já incluía uma considerável proporção de germânicos e bárbaros, especialmente no exército, onde eram liderados em grande medida por oficiais de origem bárbara. Essa presença também se fazia sentir nas áreas rurais, onde os bárbaros foram integrados como servos camponeses ou colonos livres em quantidades significativas. Conforme Dawson:

A antiga população civil romana estava diminuindo regularmente, graças à decadência das cidades, resultado do enfraquecimento do comércio e do aumento da tributação. A sociedade ocidental baseava-se cada vez mais numa economia natural em que todas as grandes propriedades rurais tendiam a formar uma unidade econômica autossuficiente. Por isso, quando houve o colapso geral da administração imperial, ocorrida após a morte de Teodósio, o Grande – por causa da fraqueza de dois imperadores jovens e a nova onda de invasões que inundou as províncias ocidentais com exércitos bárbaros, levando, pela primeira vez, à fundação de reinos germanos independentes em solo romano –, o resultado não foi o fim catastrófico da civilização, mas simplesmente a deterioração das condições que já existiam há um período considerável.¹²

Segundo ainda Dawson, os residentes das províncias romanas foram capazes de se estabelecer de maneira eficaz sob o domínio dos recém-chegados líderes bárbaros. A elite, composta pelos grandes proprietários de terras, manteve um estilo de vida praticamente inalterado em suas extensas propriedades. Poderíamos especular que o impacto dessas conquistas teria implicações prejudiciais para a cultura cristã, uma vez que a sociedade ocidental ainda preservava, em grande parte, suas raízes pagãs. Conforme afirma,

o principal apoio ao cristianismo vinha do governo imperial, que agora havia desaparecido. Além disso, os invasores germânicos seguiam o arianismo, assim como os godos, burgúndios e vândalos, ou mesmo eram pagãos, como os anglos e saxões na Britânia, os francos na Bélgica e no nordeste da Gália”.¹³

Entretanto, a narrativa histórica¹⁴ sugere que foram as incursões bárbaras que acabaram por se associar ao cristianismo:

Já se discutiu muito as causas da queda do Império Romano. Na mesma

¹² DAWSON, *C op. cit.* p. 252

¹³ DAWSON, *C op. cit.* p. 252

¹⁴ GONZÁLEZ, J. L. **História ilustrada do cristianismo**: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados. São Paulo: Vida Nova, 2011.

época desses acontecimentos, não faltaram pagãos que diziam que o desastre sobreviera porque o Império abandonara seus velhos deuses, fazendo com que esses deixassem de protegê-lo. Essa acusação, que se costumava dirigir contra os cristãos em qualquer calamidade já desde o século II, não apresentava nenhuma novidade. A ela, os cristãos respondiam que a causa dos acontecimentos que ocorriam era o pecado dos romanos, em particular dos pagãos entre eles. Deus estava castigando Roma, não só por ela ter perseguido os cristãos, mas também e acima de tudo por seus costumes licenciosos e sua falta de fé. Em épocas mais recentes, houve historiadores que adotaram uma ou outra dessas explicações, modificando-as de acordo com os novos tempos. Assim, por exemplo, há quem diga que Roma caiu por ter-se convertido ao cristianismo, pois o pacifismo que os cristãos pregavam enfraqueceu seu poderio militar. Mas essa opinião esquece que, quando Roma caiu, tanto os que a defendiam quanto os que a tomaram eram cristãos, como veremos mais adiante. Contra isto há os que repetem a interpretação segundo a qual o Império caiu por causa de seus vícios, e tiram disso uma lição que deve ser aplicada em nossos dias. O fato é que não há provas de que os vícios dos romanos tenham sido maiores no século V do que no século I.¹⁵

Outro fator que podemos destacar é que diversas fontes oferecem uma visão contrastante desses episódios. Embora manifestando conflitos internos diante das adversidades enfrentadas pelos romanos, as palavras de Santo Agostinho revelam uma espiritualidade diferente em relação a tomada de Roma por Alarico, em 410, como um evento único na dolorosa história romana.¹⁶ O notável teólogo ressalta que, diferentemente de muitos líderes militares romanos, que se tornaram célebres por saquear cidades conquistadas e dizimar suas populações, Alarico adotou uma abordagem singular ao tratar as igrejas cristãs locais como lugares de refúgio, conferindo-lhes um respeito notável.

Ao contextualizar a invasão, Santo Agostinho destaca a atitude singular de Alarico em relação às igrejas cristãs. Enquanto muitos generais romanos, em momentos de vitória, cometiam atos brutais, incluindo pilhagens e massacres, Alarico adotou uma postura diferenciada. Agostinho se utiliza do momento para relacionar a sociedade natural e a sociedade divina em seu livro *Cidade de*

¹⁵ GONZÁLEZ, J. L. *op. cit.* p. 226

¹⁶ LE GOFF, J. *op. cit.*

Deus.¹⁷ O líder bárbaro, de maneira notável, reconheceu as igrejas como locais sacros, oferecendo-lhes um refúgio seguro. Esse comportamento respeitoso em meio a um conflito tão turbulento destaca-se como uma exceção notável na narrativa histórica, indicando uma sensibilidade única por parte de Alarico em relação às instituições cristãs locais.

A atitude de Alarico, ao escolher as igrejas como espaços de proteção, revela uma faceta inusitada dentro do contexto de conquistas militares da época. Ao invés de seguir a tendência dos generais romanos, que frequentemente desconsideravam a sacralidade dos locais religiosos, Alarico demonstrou uma compreensão diferenciada e respeitosa durante a tomada de Roma. Esse gesto, marcado pela consideração e proteção das igrejas, oferece uma perspectiva única sobre como as práticas e atitudes no cenário militar podem ser moldadas por influências culturais e religiosas. Jacques Le Goff trará um outro texto do monge da ilha de Lérins, onde para o monge as invasões não são tão aleatórias assim:

Mas o texto mais extraordinário provém de um simples monge que não tinha as razões dos bispos aristocratas para poupar a ordem social romana. Por volta de 440 Salviano, monge na ilha de Lérins que se intitula “padre de Marselha”: escreve o tratado *De gubernatione Dei*, que é uma apologia da Providência e uma tentativa de explicação das grandes invasões. A causa da catástrofe seria interior. Os pecados dos romanos – inclusive os cristãos – estariam destruindo o império, e com seus vícios eles o estariam entregando aos bárbaros: “Os romanos eram, entre si mesmos, inimigos piores que os seus inimigos de fora, porque apesar de serem atingidos pelos bárbaros, eles próprios se autodestruíam ainda mais”.¹⁸

O ano de 476 é frequentemente destacado como o ponto final do Império Romano do Ocidente. Nesse ano, o general germânico Odoacro depôs o último imperador romano, Rômulo Augusto, assumindo o controle do governo. Esse ato simbólico marcou o fim formal do governo imperial romano na região ocidental e representou a transição para um novo período histórico, conforme Kenneth Scott Latourette¹⁹:

Não longe do ano 500 aconteceram vários eventos que podem ser considerados como marcando ambos, o ponto culminante da trajetória triunfal do cristianismo no Império Romano, e o começo do declínio de uma nova era. No ano 476, Romulus Augustulus, comumente visto

¹⁷ LE GOFF, J. *op. cit.*

¹⁸ LE GOFF, J. *op. cit.* p. 23

¹⁹ LATOURETTE, K. S. **Uma História do Cristianismo**. Vol. I, até 1500 a.C. São Paulo: Hagnos, 2006.

como o último dos imperadores no Ocidente, foi deposto por Heruliano Odovacar (Odoacer), [Odoacro], e conquanto o evento não tenha sido considerado como de importância proeminente pelos contemporâneos e o império continuasse, o centro estava agora inquestionavelmente em Constantinopla e a data tem sido tradicionalmente entendida como marcando o final do Império Ocidental.²⁰

No mesmo contexto histórico, um outro acontecimento de destaque surgiu. Clóvis, monarca dos francos, recebeu o batismo, marcando um ponto significativo na conversão dos invasores germânicos e indicando o início de uma nova fase em que os defensores proeminentes da fé no Ocidente não seriam mais os governantes romanos, mas sim os líderes germânicos.²¹ Dessa forma, as transformações que inicialmente pareciam distantes passaram a se manifestar no cotidiano de cada cidadão da época. Esse período foi marcado por alterações substanciais nas estruturas políticas, sociais e culturais, com a diminuição do poder centralizado romano e o surgimento de reinos germânicos e outras entidades políticas descentralizadas:

Em resumo, em fins do século V, a parte ocidental do Império Romano estava dividida entre uma série de reinos bárbaros. Destes, os mais importantes eram o dos vândalos no norte da África, dos visigodos na Espanha, os sete reinos dos anglos e dos saxões na Grã-Bretanha, o dos francos na Gália e o dos ostrogodos na Itália.²²

Logo, ao examinarmos as mudanças ocorridas até este momento, podemos compreender a transição para a Idade Média. Todos os eventos que precederam esse período crucial fornecem uma base essencial para melhor compreender o contexto que abordaremos. Por exemplo, no ano 529, o imperador Justiniano I encerrou as antigas instituições educacionais em Atenas. Nesse mesmo período, Bento de Núrsia estabeleceu a regra monástica no Monte Cassino, modelando profundamente a vida monástica no Ocidente ao longo de vários séculos.²³ Esses acontecimentos assinalaram uma transformação significativa nos domínios religioso, filosófico e político, inaugurando uma nova fase na história europeia. Essa transição, repleta de alterações e eventos simbólicos, delineou o percurso

²⁰ LATOURETTE, K. S. *op. cit.* p. 365

²¹ LATOURETTE, K. S. *op. cit.*

²² GONZÁLEZ, J. L. *op. cit.*

²³ LATOURETTE, K. S. *op. cit.*

em direção à era medieval, introduzindo uma nova dinâmica espiritual e uma arte inovadora.

2. INTERCONEXÃO PROFUNDA: ESPIRITUALIDADE, ARTE E ALTA IDADE MÉDIA

O século V foi uma época de significativas transformações sociais e religiosas, no contexto do Império Romano em declínio. Na sociedade religiosa desse período, predominavam as tradições cristãs e pagãs, criando uma complexa tapeçaria espiritual. No cenário cristão, o cristianismo continuava a se consolidar como uma força influente. A conversão de Constantino ao cristianismo no século IV havia alterado o status dessa religião, conferindo-lhe uma posição privilegiada e desencadeando uma série de mudanças. O Concílio de Niceia, em 325, buscou estabelecer uma ortodoxia cristã, definindo doutrinas fundamentais e consolidando a posição da Igreja. A figura do bispo de Roma, mais tarde conhecido como Papa, também começava a ganhar proeminência. Entretanto, a espiritualidade no século V estava longe de ser homogênea. A fragmentação do Império Romano Ocidental e as invasões bárbaras trouxeram desafios consideráveis. Em meio a essas perturbações, muitas comunidades buscaram conforto na religião e intensificaram suas práticas espirituais como uma resposta a eventos traumáticos.

No entanto, ao mesmo tempo, as tradições pagãs persistiam em algumas regiões, apesar do declínio geral do paganismo. A cultura greco-romana, enraizada em antigas crenças mitológicas e rituais, manteve sua influência, ainda que eclipsada pelo crescimento do cristianismo. O período compreendido entre os séculos V e X na arte medieval do Ocidente foi profundamente influenciado pelas complexas transformações sociais, políticas e religiosas decorrentes das invasões bárbaras. As migrações de povos germânicos trouxeram consigo não apenas desafios, mas também oportunidades para a expressão artística e o ensino da espiritualidade. Assim, por meio da arte desse período, percebemos que ela era, em grande parte, interpretada como um meio de comunicar princípios religiosos e valores espirituais, desempenhando um papel significativo na transmissão da fé cristã aos povos germânicos.

Com o declínio do Império Romano e as sucessivas ondas de invasões, muitos centros urbanos foram destruídos, e a produção artística concentrou-se em contextos monásticos e religiosos. Mosteiros se tornaram verdadeiros refúgios para a preservação do conhecimento, das tradições e da espiritualidade cristã. A arte monástica, durante a Idade Média, floresceu como uma expressão rica e

espiritual, destacando-se especialmente nos manuscritos iluminados produzidos nos mosteiros.²⁴

Dois exemplos notáveis dessa tradição são o *Livro de Kells* e o *Psalterium Aureum*. No século VIII, este manuscrito iluminado foi produzido no mosteiro de Kells, na Irlanda. Com suas páginas ricamente decoradas, é uma obra-prima do estilo insular, apresentando ilustrações intrincadas, motivos celtas e uma complexidade artística que retrata a profundidade da espiritualidade cristã. Já no século IX, originário do Mosteiro de Saint-Amand, na França, o *Psalterium Aureum* é um exemplo notável de manuscrito iluminado. Este psaltério é conhecido por suas ilustrações douradas e detalhes requintados, destacando a habilidade dos monges na arte de decorar manuscritos com esplendor.



Figura 1 Book of Kells. Folio 32v: Matthew; Portrait of Christ. Fonte: Trinity College Dublin (2024)

²⁴ KIDSON, P. **Mundo Medieval**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1979.



Figura 2 - Psalterium aureum (saec. IX, St. Gallen). Fonte: Bibliotheca Augustana (2024)

Além desses clássicos, podemos citar outros que são reverenciados com grande entusiasmo. No século VII foi produzido no mosteiro de *Lindisfarne*, no norte da Inglaterra, um manuscrito apresenta uma fusão de estilos insulares e anglo-saxões. Suas páginas iluminadas refletem a riqueza espiritual e a habilidade artística dos monges envolvidos. Os Evangelhos de Durham, século VIII, foram elaborados também no Mosteiro de *Lindisfarne*, encontramos nesses evangelhos iluminados a continuação da tradição artística insular, com decorações sofisticadas e motivos intrincados.

Por fim, os Evangelhos de São Medardo, no século IX já proveniente do mosteiro de *Soissons*, na França, este manuscrito iluminado apresenta ilustrações vibrantes que refletem a espiritualidade da época. Essas obras iluminadas não apenas testemunham a maestria artística dos monges, mas também servem como testemunhas valiosas da espiritualidade e do conhecimento transmitidos pelos mosteiros medievais. Cada iluminura conta uma história visual, proporcionando uma conexão única entre a arte e a devoção cristã da Idade Média.²⁵

²⁵ KIDSON, P. *op. cit.* p. 38

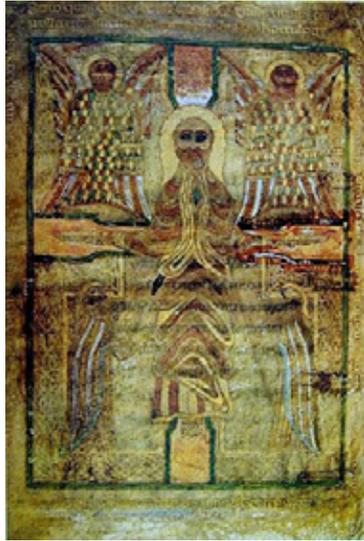


Figura 3 - Durham Cathedral: Gospel-Book MS.A.ii.17f.38(3)v. Fonte: English Faculty projects (2024)



Figura 4 - Gospels of Saint-Médard de Soissons. Manuscript (Ms. lat. 8850). Fonte: Web Gallery of Art (2024)

A iconografia medieval desempenhou um papel crucial na educação religiosa dos povos germânicos. As imagens religiosas, presentes em manuscritos iluminados, pinturas e esculturas, serviram como uma espécie de livro visual para ensinar as histórias bíblicas, vidas dos santos e princípios teológicos.²⁶ Dada a prevalência da tradição oral entre os povos germânicos, a arte visual tornou-se uma ferramenta poderosa para transmitir narrativas sagradas e ensinamentos religiosos de maneira acessível e memorável. A espiritualidade medieval refletia-se nas representações artísticas, muitas vezes caracterizadas por uma simplicidade simbólica e uma abordagem hierárquica (Leroy, 1960, p. 46).

A busca por expressar a sacralidade através de símbolos e imagens permitiu que a arte desse período transcendesse as barreiras linguísticas e educacionais²⁷, alcançando um público mais amplo e diversificado²⁸. Portanto, a arte medieval do Ocidente durante os séculos V a X desempenhou um papel vital na interpretação e disseminação da espiritualidade, especialmente entre os povos germânicos. Ao transformar conceitos abstratos em representações visuais tangíveis, a arte se tornou uma aliada valiosa na propagação da fé cristã e na construção de uma nova identidade cultural e espiritual nesse período de grandes mudanças e desafios.

O século V e VI, assim, testemunharam uma sociedade religiosa diversificada, na qual o cristianismo estava em ascensão, mas as antigas tradições pagãs ainda não haviam desaparecido por completo. A espiritualidade era moldada pelas condições tumultuadas da época, fornecendo às comunidades uma âncora em meio à instabilidade política e social. Esse período foi crucial para a formação da identidade cristã e para a transição de uma era antiga para a Idade Média, marcando o início de uma nova era espiritual na Europa e além.

O livro *A Espiritualidade na Idade Média Ocidental*, de André Vauchez, oferece uma análise profunda e perspicaz do contexto espiritual que caracterizou esse período histórico. Com uma abordagem meticulosa, Vauchez explora as dinâmicas complexas entre a Igreja, os governantes e os povos germânicos, destacando como a liberdade trazida pelo Evangelho enfrentou desafios de práticas supersticiosas. O autor examina o processo de imposição da Lei e a reintrodução de elementos do Antigo Testamento como resposta a essa situação, com ênfase na cristianização dos povos celtas nos séculos V e VI.

²⁶ PISCHEL, G. *História universal da arte*. São Paulo: Companhia melhoramentos, 1966. p. 156-157

²⁷ FAURE, E. *op. cit.* p. 155

²⁸ KIDSON, P. *op. cit.* p. 37

A obra oferece uma visão esclarecedora sobre a evolução espiritual e moral desse período crucial, destacando a influência da antiga Lei em diversos aspectos da vida cristã medieval. A Igreja, durante esse período, fomentava uma imitação literal das instituições e disposições legais do Antigo Testamento, resultando em uma submissão respeitosa dos fiéis ao clero e à obediência hierárquica. A introdução de práticas judaizantes, como a equivalência do domingo ao *Shabat* e a imposição legal do dízimo, marcou essa fase. O impacto da antiga Lei foi particularmente notável no campo da moral sexual, com a reinstauração de muitos preceitos do Levítico.²⁹

Nos séculos VI e VII, de acordo com os registros de Latourette, os eslavos, de origem pagã, realizaram movimentos migratórios em direção ao norte da Grécia, invadindo vastas áreas da Península dos Balcãs e partes significativas da Grécia central. Essas migrações resultaram em uma notável descristianização dessas regiões. Em 680, os búlgaros, provenientes da Ásia, deslocaram-se para o sul do Danúbio, estabelecendo um Estado não-cristão que desafiava os remanescentes do Império Romano cristão. Esse período foi caracterizado por uma significativa perda de território, que anteriormente estava sob o domínio do cristianismo³⁰.

No mesmo contexto, no século VII, os árabes realizaram conquistas espetaculares e rápidas, inaugurando uma nova era com a morte de Maomé em 632. Como afirmado por Justo L. González em seu livro *E até aos Confins da Terra: uma história ilustrada do cristianismo*, no volume 3:

Quando iniciou o século VII parecia que, por fim, a Europa começara a sair do caos em que as invasões dos bárbaros a tinham lançado. Todos os invasores arianos tinham se tornado católicos. Os francos, que desde o começo tinham se convertido à fé nicena, começavam a estabelecer sua hegemonia sobre as Gálias. Nas Ilhas Britânicas os resultados da missão de Agostinho começavam a aparecer. Na Itália, em meio às dificuldades causados pelos lombardos, Gregório, o Grande, ocupava o trono pontifício. O Império Bizantino ainda desfrutava dos resultados das conquistas de Justiniano, especialmente no norte da África, onde o reino dos vândalos tinha desaparecido.

Então sucedeu o inesperado. De um obscuro canto do mundo, ao qual tanto o Império Romano como os reis persas tinham prestado pouquíssima atenção,

²⁹ VAUCHEZ, A. *op. cit.* p. 13

³⁰ LATOURETTE, K. S. *op. cit.*

surgiu uma avalanche que, impulsionada pela pregação do Corão, parecia destinada a conquistar o mundo.³¹

Antes de 651, os árabes conquistaram vastas regiões. Essas vitórias políticas foram acompanhadas pela difusão do islamismo e pelo declínio gradual das comunidades cristãs nas áreas controladas pelos árabes.³²

Por outro lado, as conquistas muçulmanas arrebatarem à cristandade vários dos seus mais antigos centros de difusão e pensamento: Jerusalém, Antioquia, Alexandria e Cartago. Em consequência, só restaram duas cidades que poderiam disputar a hegemonia sobre o mundo cristão: Roma e Constantinopla. Ao redor de cada uma delas o cristianismo foi tomando formas próprias, até que houve a ruptura definitiva, como veremos, em 1054.³³

No século VIII, sob os carolíngios³⁴, soberanos dos francos, o ocidente experimentou um notável renascimento da fé e uma melhoria na moral da Igreja³⁵. Conforme relata André Vauchez durante o período carolíngio, a prática religiosa representava mais uma obrigação social do que uma expressão genuína de devoção interior. Naquela época, podemos perceber a espiritualidade entrelaçada com o rei, destacando-se como um compromisso vital do soberano. A fé não era apenas uma questão pessoal, mas sim um tesouro que o monarca tinha a responsabilidade primordial de proteger e transmitir em sua totalidade³⁶.

Carlos Magno, desempenhou um papel ativo nessa missão, reunindo e presidindo concílios para deliberar sobre pontos doutrinários cruciais, tais como a procissão do Espírito Santo e o culto das imagens. Além disso, ele ampliou seu envolvimento, como evidenciado na *Admonitio generalis* de 789, onde estabeleceu orientações e exortações abrangentes relacionadas à vida religiosa tanto dos clérigos quanto dos leigos.³⁷ Dessa forma, a espiritualidade não apenas permeava a esfera pessoal, mas também se entranhava nas responsabilidades e ações do rei, revelando uma interconexão íntima entre a fé e a liderança política.

³¹ GONZÁLEZ, J. *op. cit.* p. 141

³² LATOURETTE, K. S. *op. cit.*

³³ GONZÁLEZ, J. *op. cit.* p. 141

³⁴ LATOURETTE, K. S. *op. cit.*

³⁵ IRVIN, D.; SUNQUIST, S. *op. cit.*

³⁶ VAUCHEZ, A. *op. cit.*

³⁷ VAUCHEZ, A. *op. cit.*

Nesse contexto espiritual, de acordo com Vauchez, observamos uma significativa transformação tanto na liturgia quanto na concepção do sacerdócio. A assimilação da Igreja ao “povo de Deus” bíblico influenciou profundamente a compreensão do sacerdócio, que passou a refletir o modelo do serviço cultural mosaico. O sacerdote carolíngio, mais próximo de um levita, era visto pelos fiéis como alguém dedicado à oração e ao sacrifício, enfatizando essas práticas em detrimento da pregação ou do testemunho.³⁸

A figura sacerdotal era percebida como um especialista do sagrado, distinguindo-se pela expertise nos ritos e nas fórmulas sagradas. A evolução do sacramento da ordem reflete essa tendência de destacar os ministros do culto. Enquanto anteriormente a ordenação era conferida por meio da imposição de mãos, durante esse período, passou a incluir a unção, transformando o padre em um ungido do Senhor, conforme ritual descrito no Livro dos Números. Essa mudança evidencia a busca por uma distinção mais clara dos servidores do culto e a ênfase na sacralidade de suas funções.³⁹

Neste panorama complexo da espiritualidade na época, revelando uma relação peculiar entre a Igreja e os fiéis, podemos observar a limitação da participação ativa dos fiéis nas celebrações religiosas, com a clara distinção entre o espaço do altar e o papel passivo atribuído à congregação, onde se destaca uma hierarquia rígida na vivência da fé. O papel dos cantores treinados e a prevalência do latim na liturgia sugerem uma distância cultural entre a prática religiosa e as línguas locais.⁴⁰

A evolução da penitência, passando de um ato comunitário e anual para um sistema mais privado e frequente, indica mudanças nas práticas confessionais, influenciadas pela ascensão de penitenciais monásticos. As disparidades sociais na Igreja, onde monges e uma elite aristocrática dedicavam-se mais intensamente à oração e à leitura da Bíblia, enquanto as massas se envolviam em práticas mais acessíveis, refletem a variedade de expressões da fé dentro da comunidade cristã.⁴¹

A coexistência da religiosidade popular, muitas vezes permeada por práticas consideradas pagãs e supersticiosas pelos clérigos, destaca os desafios da Igreja em cristianizar essas tradições. Bençãos e exorcismos tornam-se ferramentas nesse processo de sincretismo, apontando para uma dinâmica complexa entre

³⁸ VAUCHEZ, A. *op. cit.*

³⁹ VAUCHEZ, A. *op. cit.*

⁴⁰ VAUCHEZ, A. *op. cit.*

⁴¹ VAUCHEZ, A. *op. cit.*

a tentativa de homogeneização da fé e a preservação de elementos culturais locais.⁴² A ênfase nas práticas exteriores, como o pagamento do dízimo e a assistência à missa, contrasta com a noção de uma vivência interior profunda da fé:

De modo geral, a Igreja esforçou-se para cristianizar a atmosfera de sacralidade difusa que cercava os principais atos da vida na religiosidade popular. Assim, apareceram, ao lado da liturgia eucarística, todo tipo de paraliturgias, das quais as mais importantes eram as bênçãos e os exorcismos. As primeiras dirigiam-se aos alimentos e aos instrumentos de trabalho. Pronunciavam-se fórmulas especiais sobre a água, o pão, o vinho, o óleo e os frutos, os barcos, as redes de pesca etc. Outras garantiam proteção contra as calamidades naturais, os animais ferozes, os perigos das viagens. Os círios bentos na festa de São Blaise eram uma garantia contra o trovão e o granizo. Enfim, a doença e sobretudo a loucura eram combatidas com exorcismos acompanhados de sinais da cruz destinados a expulsar o demônio, autor de todo mal físico ou moral. Por essa profusão de ritos, a igreja procurava impregnar de religião a existência cotidiana dos fiéis. Atingiu o seu objetivo – até demais –, pois estes foram levados a atribuir aos ritos um poder mágico e a dar-lhes tanta importância, ou mais, quanto aos sacramentos propriamente ditos.⁴³

A busca por poderes mágicos nas liturgias reflete a mentalidade da época, onde a relação com o sobrenatural era muitas vezes mediada por rituais, fórmulas e gestos, indicando uma espiritualidade marcada por expressões visíveis mais do que por uma introspecção profunda.⁴⁴ Em suma, podemos perceber a multifacetada espiritualidade medieval, observando suas contradições, diversidade e as complexas interações entre as práticas religiosas e a cultura da época.

Ao adentrarmos nos séculos 9 e 10⁴⁵, novas ondas de invasões pagãs assolaram o Ocidente, desafiando a resistência frágil do desintegrado Império Carolíngio⁴⁶. O declínio subsequente dos carolíngios, combinado com a decadência na qualidade de vida eclesiástica e as contínuas invasões, tiveram um impacto negativo na Igreja do Ocidente. Na metade do século 10, a ausência de apoio papal resultou em lutas internas em Roma, atingindo seu ponto mais baixo.⁴⁷

⁴² VAUCHEZ, A. *op. cit.*

⁴³ VAUCHEZ, A. *op. cit.* p. 26

⁴⁴ VAUCHEZ, A. *op. cit.*

⁴⁵ LATOURETTE, K. S. *op. cit.*

⁴⁶ IRVIN, D.; SUNQUIST, S. *op. cit.*

⁴⁷ LATOURETTE, K. S. *op. cit.*

Esse período marcou uma fase desafiadora para a Igreja no ocidente, com repercussões duradouras em sua estrutura e influência. O feudalismo, um sistema complexo e hierárquico, rapidamente se desenvolveu, tendo suas raízes desde a era de Carlos Magno, mas florescendo especialmente no Século V. Este fenômeno foi, em parte, resultado do enfraquecimento da monarquia e da busca por segurança em tempos de desordem. Influenciado por uma economia agrícola fragilizada, com pouco comércio, poucas cidades e escassez de moeda⁴⁸, o sistema feudal baseava-se na relação entre senhores de terra⁴⁹ mais fortes e mais fracos⁵⁰.

Os senhores de terra fracos buscavam proteção junto aos mais fortes, contribuindo com contingentes para suas forças armadas e outros serviços. O cerne desse sistema residia na terra, cultivada por servos meio livres e meio escravos, ligados à terra e incapazes de serem vendidos ou separados dela. Os senhores feudais, cuja principal ocupação era a guerra entre si, enfrentavam hostilidades que dificultavam o comércio e geravam declínio na moral. Assim, o sistema feudal emergiu em um contexto de terra como principal recurso, uma hierarquia complexa baseada em feudos, onde cada senhor feudal, ao receber homenagens, prestava homenagem a um superior. O sistema feudal, enraizado nas condições desafiadoras da época, tornou-se uma característica distintiva da sociedade e economia medievais⁵¹.

Ao chegar ao final do século X, percebemos que a complexa rede feudal está prestes a passar por transformações significativas tanto na sociedade, como também na arte e na espiritualidade medieval. Este sistema, que desempenhou um papel crucial na formação da sociedade medieval, testemunhará mudanças que abrirão caminho para uma nova fase na Idade Média. O feudalismo, com suas peculiaridades e desafios, pavimentou o caminho para a transição que definirá os rumos da sociedade medieval nos séculos vindouros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, a análise da espiritualidade na Alta Idade Média revela uma profunda interligação entre os eventos históricos e a influência da arte cristã. Ao contextualizar os acontecimentos que antecederam esse período e examinar os eventos durante os séculos V a X, fica evidente que a fé cristã desempenhou um papel central na vida das pessoas, moldando não apenas práticas espirituais,

⁴⁸ IRVIN, D.; SUNQUIST, S. *op. cit.*

⁴⁹ GONZÁLEZ, J. *op. cit.*

⁵⁰ IRVIN, D.; SUNQUIST, S. *op. cit.*

⁵¹ GONZÁLEZ, J. *op. cit.* p. 152-154

mas também influenciando expressões artísticas. A relação indissociável entre espiritualidade e arte na Idade Média destaca como ambas desempenharam papéis essenciais na formação da sociedade medieval, deixando um legado duradouro que continua a ser objeto de estudo e apreciação.

REFERÊNCIAS

- AIDAR, L. **Arte Românica**. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/arte-romanica/>>. Acesso em: 01 mar. 2024.
- ALMEIDA, N. B. A Idade Média entre o “poder público” e a “centralização política” itinerários de uma construção historiográfica. **Varia Historia**, Belo Horizonte, vol. 26, n. 43, p.49-70, jan/jun 2010.
- ARTEREF. **Arte Bizantina: história, obras e características**. Disponível em: <<https://arteref.com/movimentos/arte-bizantina-historia-obras-caracteristicas/>>. Acesso em: 01 mar. 2024.
- ARTEREF. **Arte medieval: conceito, contexto e diferentes períodos**. Disponível em: <<https://arteref.com/movimentos/arte-medieval-conceito-contexto-e-diferentes-periodos/>>. Acesso em: 01 mar. 2024.
- BATTISTONI FILHO, D. **Pequena história da arte**. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- BIBLIOTHECA Augustana. **Psalterium aureum (saec. IX, St. Gallen)**. Codex latinus 9768, f. 13 (Paris, Bibl. Nat.) 2024. Disponível em: <https://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost09/Nithardus/nit_his0.html>. Acesso em: 01 mar. 2024.
- DAWSON, C. **A Formação da Cristandade**. Das origens na tradição judaico-cristã à ascensão e queda da unidade medieval. São Paulo: É Realizações, 2014.
- DUBY, G.; LACLOTTE, M. **História Artística da Europa**. Vol.1. Tradução de Mário Dias Correa. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.
- ENGLISH Faculty projects. **Durham Cathedral: Gospel-Book MS.A.ii.17f.38(3)v**. The Dean and Chapter Library, 2024. Disponível em: <<https://english.nsms.ox.ac.uk/oecoursepack/rood/images/durham.html>>. Acesso em: 01 mar. 2024.
- FAURE, E. **A arte medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- GONZÁLEZ, J. L. **E até aos confins da Terra: uma história ilustrada do Cristianismo**. São Paulo: Vida Nova, 1981.
- GONZÁLEZ, J. L. **História ilustrada do cristianismo: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados**. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- IRVIN, D.; SUNQUIST, S. **História do movimento cristão mundial. Vol. 1: do cristianismo primitivo a 1453**. São Paulo: Paulus, 2004.
- JOHNSON, P. **Historia del cristianismo**. Barcelona: B.S. A., 2010.

KAUFMANN, T; et all (Org.). **História Ecumênica da Igreja.** Da Alta Idade Média até o início da Idade Moderna. São Paulo: Paulus; São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Loyola, 2012.

KAUFMANN, T; et all (Org.). **História Ecumênica da Igreja. Dos primórdios até a Idade Média.** São Paulo: Paulus; São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Loyola, 2012.

KIDSON, P. **Mundo Medieval.** Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1979.

LATOURETTE, K. S. **Uma História do Cristianismo.** Vol. I, até 1500 a.C. São Paulo: Hagnos, 2006.

LE GOFF, J. **A civilização do Ocidente Medieval.** Bauru, SP: Edusc, 2005.

LEROY, A. **Nascimento da Arte Cristã:** do início ao ano mil. São Paulo: Flamboyant, 1960.

OXFORD Art Online. **Medieval Art and Architecture.** Disponível em: <<https://www.oxfordartonline.com/page/medieval-art-and-architecture>>. Acesso em: 01 mar. 2024.

PISCHEL, G. **História universal da arte.** São Paulo: Companhia melhoramentos, 1966.

TRINITY College Dublin. **Book of Kells.** Folio 32v: Matthew; Portrait of Christ. <<https://digitalcollections.tcd.ie/concern/folios/n296wz391>>. Acesso em: 01 mar. 2024.

VAUCHEZ, A. **A espiritualidade na Idade Média ocidental: (séculos VIII a XIII).** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

WEB Gallery of Art. Gospels of Saint-Médard de Soissons. Disponível em: <https://www.wga.hu/html_m/zgothic/miniatur/0801-850/1german/1soiss01.html>. Acesso em: 01 mar. 2024.